

A contestação às vacinas contra Covid-19 em grupos do Telegram no Brasil

Lídia Raquel Herculano Maia

Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9601-4268>

Thaiane Oliveira

Universidade Federal Fluminense, Departamento de Comunicação Social, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8588-3548>

Luisa Massarani

Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5710-7242>

Marcelo Alves dos Santos Júnior

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4995-6612>

Resumo

Neste artigo, analisamos as características do discurso de contestação às vacinas contra Covid-19 no Telegram no Brasil. A partir de descritores associados ao tema da vacina, identificamos quatro grupos que abordaram a questão vacinal no período de dezembro de 2020 a fevereiro de 2022. Utilizando o método da Teoria Fundamentada, realizamos uma análise qualitativa dos principais argumentos apresentados para a contestação às vacinas nesses grupos. Os resultados revelam três linhas argumentativas utilizadas na contestação aos imunizantes contra Covid-19: (1) receios quanto à segurança e eficácia, (2) alegações de que existem interesses obscuros na gestão da pandemia e no desenvolvimento das vacinas e (3) defesa da liberdade e privacidade. A compreensão desses argumentos visa contribuir para o desenvolvimento de estratégias de contenção dos danos causados pela desinformação quanto à saúde individual e coletiva.

Palavras-chave

Telegram; vacinas; Covid-19

1 Introdução

A pandemia de Covid-19 teve um impacto dramático no Brasil. O país, que ocupa o terceiro lugar no número de casos e o segundo lugar no ranking mundial de mortes pela doença (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2019c), tem sido cenário de disputas políticas na compra de imunizantes (GALHARDI *et al.*, 2022). Ainda que o percentual da população brasileira vacinada contra a Covid-19 seja alto em comparação a outros países (cerca de 80%) (OUR WORLD IN DATA, 2020), a adesão às doses de reforço tem sido mais reduzida¹. Desde o início da pandemia, o país foi – e continua sendo – terreno fértil para a produção de um quadro desinformativo, que inclui informações imprecisas, manipuladas ou descontextualizadas sobre o uso de máscaras e o isolamento social, a crença em medicamentos ineficazes e o ataque a imunizantes.

Diante disso, as plataformas de comunicação digital foram cobradas para se responsabilizarem pelo conteúdo desinformativo em circulação nas redes. O Facebook, por exemplo, afirmou ter removido mais de um milhão de conteúdos no Brasil, com desinformação sobre a Covid-19, entre 2020 e 2021 (NADIR, 2021). O Twitter, por sua vez, afirma ter excluído mais de 63 mil posts, publicados por usuários do mundo inteiro em 2021, com informações falsas sobre a pandemia (BARIFOUSE, 2022). Alguns autores apontam que esse tipo esforço, no sentido de banir contas e remover conteúdo considerado falso, provoca uma diminuição, mas não impede a circulação e a viralização de desinformação (PAPAKYRIAKOPOULOS; SERRANO; HEGELICH, 2020). Isso porque, muito embora o “banimento ou moderação de determinados conteúdos reduzam o alcance da desinformação, esses conteúdos se espalham por outras plataformas digitais”, como o Telegram (SANTOS JUNIOR, 2021, p. 156).

O Telegram é um aplicativo de troca de mensagens, que está presente em 60% dos celulares brasileiros (BARROS, 2022) e tem emergido como uma plataforma importante para a disseminação de notícias falsas, discursos de ódio e propaganda política no cenário brasileiro (NASCIMENTO *et al.*, 2021). Nesse contexto, o Telegram é essencial para compreender o panorama desinformativo mais amplo sobre a pandemia no Brasil. A partir de uma revisão da literatura disponível, observamos que, embora haja um conjunto significativo e crescente de estudos sobre desinformação quanto à Covid-19, são raras as análises sobre o Telegram e sobre grupos de contestação vacinal no contexto brasileiro.

¹ Segundo dados do consórcio de veículos de imprensa, apenas 47,79% da população brasileira tomou a dose de reforço contra a Covid-19 (G1, 2022).

Assim, nossa pesquisa surge no intuito de aprofundar as análises sobre a circulação do tema “vacina” no Telegram no Brasil. Para tanto, utilizamos descritores relacionados aos imunizantes a fim de localizar os principais grupos que abordaram o assunto entre dezembro de 2020 a fevereiro de 2022. A busca identificou comunidades de crítica aos imunizantes desenvolvidos para o combate à Covid-19. Diante disso, a questão que guia este artigo é: quais os principais argumentos apresentados pelos grupos de contestação às vacinas no Telegram? Em tempos de crise epistêmica e pandêmica, entender o campo de disputa sobre a informação científica é uma necessidade urgente que se coloca para os estudos em comunicação, saúde e tecnologia.

Para efeito de estruturação do estudo, este artigo está organizado em três partes, além desta Introdução. Na primeira parte, discutimos os conceitos de hesitação vacinal e crise epistêmica. Em um segundo momento, explicamos os procedimentos metodológicos adotados para a análise do *corpus*. Por fim, discutimos os resultados da pesquisa, que revelam três linhas argumentativas na contestação às vacinas contra Covid-19: (1) receios quanto à segurança e eficácia, (2) alegações de que existem interesses obscuros na gestão da pandemia e no desenvolvimento dos imunizantes e (3) defesa da liberdade e privacidade.

2 Hesitação vacinal e crise epistêmica

O controle da crise pandêmica, no mundo inteiro, passa pelo sucesso das campanhas de vacinação contra o SARS-CoV-2 (do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome CoronaVirus-2*). Não obstante, diversos países têm lidado com o problema da hesitação vacinal nesse processo. Tendo sido considerada pela OMS (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018) como uma das maiores ameaças para a saúde global, a hesitação vacinal se refere ao conjunto de ações que vão desde o atraso em aderir às campanhas de vacinação até a completa recusa das vacinas recomendadas, apesar de sua disponibilidade nos serviços de saúde (SATO, 2018). Trata-se de um fenômeno complexo, constituído por grupos heterogêneos que podem apresentar desde dúvidas e postergação até a rejeição de algumas vacinas. No extremo desse amplo espectro, encontra-se o movimento antivacina, que se caracteriza como um fenômeno global de oposição à vacinação e apresenta diferentes nuances, conforme o local, o tempo, o público-alvo e o tipo de vacina em questão (MASSARANI *et al.*, 2021b).

Esse sentimento negativo em relação às vacinas não é novidade em países europeus e norte-americanos (SATO, 2018). No Brasil², especialmente a partir da criação do Programa Nacional de Imunização (PNI) em 1973, as taxas de adesão às campanhas de vacinação têm sido altas (SILVA JUNIOR, 2013). Não obstante, nos últimos anos, tem-se observado uma queda considerável nos percentuais de cobertura vacinal no país. Segundo números do DataSus, em 2021, a cobertura vacinal foi de 59,8% da população brasileira, valor menor que em 2020 (67,2%) e 2019 (73,4%) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). Diante disso, epidemias de sarampo, por exemplo, voltaram a preocupar o país, que perdeu, em 2019, o certificado de território livre da doença, concedido pela Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) em 2016 (WESTIN, 2022).

Estudos recentes listam diversos motivos para essa redução da cobertura vacinal no Brasil, entre eles: a redução do acesso a vacinas; o enfraquecimento de campanhas educativas nos meios de comunicação; a percepção errônea de que a vacinação não seria mais necessária diante da diminuição de casos ou mesmo erradicação de algumas doenças, que é justamente uma consequência do sucesso do PNI; a circulação de notícias falsas sobre a vacinação nas plataformas digitais; e, eventualmente, o crescimento de grupos de contestação às vacinas no país (SATO, 2018; CARVALHO; MASSARANI; MACEDO-ROUET, 2021). A pandemia trouxe um senso de urgência ainda maior à questão, por ser um período em que todos esses fatores se somaram à conjuntura de disputas políticas em torno dos imunizantes (GALHARDI *et al.*, 2022) e à desestruturação no sistema de vacinação de maneira geral (CASTREJON *et al.*, 2022), em função da sobrecarga do sistema de saúde. Assim, todos esses elementos têm contribuído para a redução na cobertura vacinal e para o crescimento de sentimentos de hesitação quanto às vacinas entre os brasileiros.

Embora a hesitação vacinal ainda seja recente e pouco organizada no país (CARVALHO; MASSARANI; MACEDO-ROUET, 2021), não podemos desconsiderar que as redes sociais têm possibilitado o fortalecimento de discursos de contestação às vacinas em todo o mundo (WILSON; WIYSONGE, 2020; HUGHES *et al.*, 2021), não sendo diferente no Brasil (BROTAS *et al.*, 2021). Em estudo recente sobre a circulação de links a respeito do tema no cenário brasileiro, Massarani *et al.* (2021a) apontam que houve um aumento na média de engajamento da desinformação sobre as vacinas em 2020, em comparação com o período de

² O caso mais emblemático de contestação às vacinas no cenário brasileiro data de 1904 e ficou conhecido como Revolta da Vacina, surgida em oposição à lei, proposta pelo médico e cientista Oswaldo Cruz, que determinava a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola. Importa ressaltar que a Revolta não estava circunscrita apenas à política de imunização, mas canalizava também a insatisfação popular com as reformas urbanas realizadas pelo então prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos (BROTAS *et al.*, 2021). Diante do ressurgimento do quadro epidêmico, poucos anos depois, porém, a população aderiu voluntariamente à vacina antivariólica.

2018 a 2019, o que deve ser visto com preocupação, considerando que as informações disponíveis online impactam na tomada de decisão dos indivíduos quanto à vacinação (KATA, 2012).

Nas plataformas de comunicação digitais, há uma redução dos custos de produção de conteúdo, tangenciando os filtros do sistema de peritos, que “foi lentamente consolidado no bojo da emergência da modernidade” (CESARINO, 2021, p. 78). Nesse contexto, emerge uma crise epistêmica, que se caracteriza por uma descrença por parte de algumas pessoas nas instituições que regulam a vida em sociedade, especialmente na ciência, e em seus representantes legítimos (OLIVEIRA, 2020).

Além disso, na pandemia, abriu-se margem para a circulação de teorias conspiratórias a respeito das vacinas e do vírus Sars-CoV-2 (BROTAS *et al.*, 2021). Teorias da conspiração são parte de regimes epistêmicos paralelos, que geralmente aparecem em situações de crise e buscam explicar eventos ou situações sociais e políticas com base em ideias de tramas secretas, que seriam lideradas por atores poderosos (CAYCHO-RODRÍGUEZ *et al.*, 2022). Embora haja, entre os adeptos dessas teorias, uma descrença nas comunidades epistêmicas, a ciência e o jornalismo são constantemente acionados por eles, quando conveniente, para dar suporte à desinformação e reforçar crenças internas. Exemplo disso pode ser observado na análise de mensagens de WhatsApp, realizada por Massuchin *et al.* (2021) em grupos bolsonaristas, na pandemia da Covid-19. Os autores identificaram que, no que se refere ao aspecto estrutural, havia um empréstimo do estilo jornalístico e, no que tange ao conteúdo, havia desde textos questionando e duvidando de procedimentos científicos até a apropriação de discursos de atores e instituições científicas e de saúde para dar legitimidade a falas anticientíficas. Assim, o recurso à legitimidade científica tem sido acionado junto a discursos de contestação à própria ciência, que mesclam testemunhos pessoais e argumentos de autoridade autoatribuída, ou seja, conferida aos próprios sujeitos que se expressam em redes sociotécnicas (KLEINA; SAMPAIO, 2021).

Cesarino (2021) comenta que a busca da verdade na contemporaneidade tem se amparado mais na experiência pessoal e imediata, em narrativas conspiratórias e na lógica do pertencimento identitário do tipo antagonístico, do que nos controles e conhecimentos gerados pelos campos sociais institucionalizados. Ela cita o conceito de *eu-pistemologia*, criado por Van Zoonen (2012), para analisar esse recurso às histórias de vida, experiências pessoais e sentidos imediatos, que são acionados para a disseminação de discursos negacionistas. Organizando-se em redes de afetos e identificação política, mediadas pelas

lógicas algorítmicas, os sujeitos se encerram em câmaras de eco que reverberam conteúdos conspiratórios e autocentrados (RECUERO; SOARES; ZAGO, 2021).

Todo esse caldo de desconfianças quanto às instituições epistêmicas tomou proporções ainda maiores com a midiaticização das controvérsias e disputas – próprias do fazer científico (OLIVEIRA; MARTINS; TOTH, 2020) – envolvidas na busca pelo controle da pandemia e desenvolvimento das vacinas. Esse fenômeno, associado ao amplo contexto de desinformação sobre os imunizantes e politização da pandemia, pode ter contribuído para o fortalecimento da contestação às vacinas contra Covid-19 em plataformas digitais, como o Telegram.

Esse aplicativo de mensagens oferece quatro *affordances* que fazem dele um espaço profícuo para a circulação de desinformação: **anonimato**, **segurança**, **visibilidade** e **permanência** (ROGERS, 2020; URMAN; KATZ, 2020). No Telegram, é possível enviar mensagens em chats privados e em grupos sem tornar o número de telefone visível (TELEGRAM, 2013c), o que facilita o **anonimato**. Já a **segurança** advém dos recursos de criptografia – que tornam as mensagens ininteligíveis para terceiros e favorecem a ausência de responsabilização pelo conteúdo compartilhado – e da possibilidade de apagar mensagens enviadas sem deixar rastros e sem limite de tempo após o envio. A **visibilidade** é garantida pela possibilidade de criação de grupos (públicos ou privados), com até 200 mil membros cada, e canais com número ilimitado de inscritos. Essas características fazem do Telegram o que Rogers (2020) chama de sistema híbrido, considerando que se trata de um aplicativo de troca de mensagens entre indivíduos que permite a comunicação ao modo *broadcast*. Por último, tem-se a questão da **permanência**³, a partir da possibilidade de *upload* de arquivos pesados, como vídeos longos, que, uma vez inseridos em canais, ganham links para acesso, tornando-se disponíveis para compartilhamento em um número ilimitado de chats e grupos. Conteúdos que foram banidos de outras plataformas ganham, assim, um novo repositório livre de controle. Tais possibilidades, somadas ainda à falta de responsividade de sua representação legal em relação a demandas de tribunais no Brasil (ROCHA, 2022), tornaram a plataforma atraente para a proliferação de informações falsas, imprecisas, manipuladas ou descontextualizadas na pandemia de coronavírus, como demonstrado por Nascimento *et al.* (2021).

³ É válido mencionar, todavia, que vários grupos e canais têm aderido à *affordance* de exclusão periódica ou autodestruição das mensagens para evitar o rastreamento de suas atividades na plataforma.

3 Procedimentos metodológicos

Buscando entender como circula a questão vacinal no Telegram no Brasil, foi realizada uma busca por grupos que debatem sobre o tema na plataforma. Os termos de consulta⁴ utilizados foram: vacina, vacinas, vacinar, vacinei, vacinou, vacinação, vacinal, vacinada, vacinadas, vacinados, vacinado, coronavac, pfizer, janssen, astrazeneca, v4c1n4 e vachina. A coleta dos dados, a partir desses descritores, foi realizada no dia 12 de fevereiro de 2022, por meio da ferramenta de exportação (TELEGRAM, 2018) de postagens do Telegram em formato JSON (*JavaScript Object Notation*)⁵.

Nessa busca, foram identificados quatro grupos que se debruçam sobre a questão das vacinas, em uma perspectiva abertamente de oposição à vacinação. Optamos por realizar uma análise qualitativa dos principais argumentos apresentados para a oposição às vacinas nesses grupos. A amostra foi feita levando em conta os sete dias com maior frequência de menções a termos de uma lista elencada manualmente pela leitura das mensagens⁶ nos grupos identificados previamente⁷. Assim, os termos de consulta utilizados na busca inicial foram ampliados para a incorporação do léxico próprio utilizado pelos membros dos grupos analisados, de modo que pudéssemos identificar os dias de maior efervescência conversacional em torno das vacinas. Nessas datas, mantivemos toda a troca de mensagens para evitar perder os contextos interacionais-simbólicos das conversações. A identificação dos dias de maior pico de conversas nesses grupos foi possível por meio do processamento e análise dos dados em linguagem de programação R.

A partir disso, organizamos as mensagens em planilhas do Excel para observação, comparação, classificação e análise sistemática dos dados coletados, conforme preconizado pelo método da Teoria Fundamentada (TF). A ideia central da TF é que a teoria deve emergir do campo empírico, a partir de um movimento indutivo de pesquisa (GLASER; STRAUSS,

⁴ Importa mencionar que o mecanismo de busca do Telegram e a utilização de termos encriptografados, por parte dos usuários desse aplicativo de troca de mensagens, dificultam a localização de grupos e canais na plataforma. Esse mesmo desafio metodológico também foi identificado por Urman, Ho e Katz (2021), que trabalharam com um conjunto de grupos e canais para análise da utilização do Telegram em protestos políticos em Hong Kong. Em nosso caso, os quatro grupos identificados, a partir dos termos utilizados na consulta, demonstraram um fluxo considerável de mensagens sobre vacinas e, por isso, foram considerados suficientes para uma primeira aproximação ao fenômeno investigado.

⁵ JSON (*JavaScript Object Notation*) é um arquivo que permite o armazenamento de informações estruturadas em texto.

⁶ Neste estudo, seguimos os princípios e procedimentos éticos sugeridos por Spitale, Biller-Andorno e Germani (2022) no que se refere à coleta e transcrição de mensagens compartilhadas em grupos públicos do Telegram. Assim como eles, decidimos manter as citações diretas às mensagens analisadas, embasando-nos no que delimita o Comitê de Ética em Pesquisa no Brasil (CEP), na resolução n. 510/2016, quanto às investigações em plataformas digitais como o Telegram. Apesar de não ser uma pesquisa envolvendo diretamente os participantes, está vinculada ao projeto 43011321.4.0000.5243, aprovado pelo CEP.

⁷ Os termos usados na busca pelos dias de maior pico de conversas foram: vacina, vacinas, vacinar, vacinarem, vacinei, vacinou, vachina, vacinação, vacinal, vacinada, vacinadas, vacinados, vacinado, coronavac, pfizer, janssen, astrazeneca, v4c1n4, vachina, veneno, venenos, experimento, experimental, picada, picar, picou, reação, reações, inoculada, inoculadas, inoculado, inoculados, inoculação, cobaia, dose, intoxicação, intoxicações, desintoxicação, desintoxicações, matadouro, reforço, mRNA, injeção, injeções, miocardite, arritmia, trombose, AVC, infarto, infartos, colateral, colaterais e genocídio.

2017; FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Assim, realizamos uma coleta e observação sistemática das mensagens trocadas entre os membros dos grupos analisados para identificar regularidades argumentativas presentes no *corpus* estudado – o que nos permitiu a codificação do fenômeno encontrado em categorias de análise. Todas as idiossincrasias observadas no objeto foram anotadas, então, em um documento do Word. Os dados coletados nos grupos no período de nossa análise demonstraram ser suficientes, pois atingiram um processo de saturação, ou seja, num determinado ponto, não havia novas categorias emergindo e o conteúdo das mensagens começou a apresentar certo nível de repetição. Após essa classificação inicial, buscamos identificar as conexões existentes entre as categorias observadas, resultando em uma sistematização do *corpus* em três eixos, que exploram os principais argumentos apresentados pelos grupos de contestação às vacinas no Telegram.

A busca pelos descritores anteriormente mencionados apontou para os seguintes grupos: “Antivacinas 🇧🇷 – CHAT”, “Vacinas: o Maior Crime da Historia”, “🐔 NÃO SOMOS COBAIAS 🐔” e “Cobaías do PLANdemônio (efeitos das vacinas)” (Tabela 1).

Tabela 1 - Lista dos grupos identificados na coleta de dados em 12/02/22

Nome	Membros	Descrição oficial no aplicativo
Vacinas: o Maior Crime da Historia	1.593	Para falarmos de vacinas: uma FRAUDE, total, completa e absoluta! @antivaxxx
Antivacinas 🇧🇷 - CHAT	1.215	Nós somos contra a obrigatoriedade de vacinas impostas por governos de forma direta ou indiretamente. Acreditamos que todos tem o direito de livre escolha natural de decidir se vacinar ou não. Participe também do nosso canal: https://t.me/anti_vacinas
🐔 NÃO SOMOS COBAIAS. 🐔	531	NÃO TOMEM NENHUM TIPO DE VACINAS ,elas são feitas para nos MATAREM(REDUÇÃO POPULACIONAL) O mais importante não é manterem-se VIVOS ,mas manterem-se HUMANOS. Apoiamos o canal MÃES LEOAS. NÃO VACINEM SEUS FILHOS! NOSSOS CORPOS,NOSSAS REGRAS!
Cobaías do PLANdemônio (efeitos das vacinas)	460	Sem descrição

Fonte: Elaboração própria com base em dados capturados no Telegram.

A coleta das conversas realizadas nos grupos resultou em um total de 6.937 mensagens. Importa mencionar que o segundo grupo listado na tabela acima (Antivacinas 🇧🇷

- CHAT) concentrou a maior parte das conversas, com 4.970 *inputs* nos dias⁸ analisados, o que demonstra seu protagonismo no contexto observado. Já o primeiro e terceiro apresentam quantidade similar de mensagens no período analisado: 855 e 847, respectivamente. Enquanto que no último grupo foram computadas apenas 265 entradas.

4 Resultados e discussão

A partir da leitura das mensagens coletadas, organizamos nossas inferências em três eixos que sintetizam os principais argumentos apresentados pelos grupos de contestação às vacinas no Telegram: (1) receios quanto à segurança e eficácia, (2) alegações de que existem interesses obscuros na gestão da pandemia e no desenvolvimento das vacinas e (3) defesa da liberdade e privacidade. A tabela a seguir apresenta em detalhes quais argumentos principais aparecem em cada eixo:

Quadro 1 - Eixos sistematizadores dos principais argumentos apresentados pelos grupos de contestação às vacinas no Telegram

Segurança e eficácia	Neste eixo, estão reunidos argumentos que giram em torno da falta de segurança das vacinas e/ou de sua eficácia. Por exemplo, alega-se que o período de tempo para o desenvolvimento e teste das vacinas contra Covid-19 teria sido curto demais e, conseqüentemente, elas não teriam a segurança garantida. Há suspeitas de que podem causar efeitos colaterais graves e até a morte nas pessoas e/ou outras conseqüências, como o surgimento de novas variantes do Sars-Cov-2. Em contraposição às vacinas, aparece a crença em medicamentos não cientificamente comprovados para o tratamento da Covid-19.
Interesses obscuros	Este eixo aglutina suspeitas de interesse de lucro financeiro e/ou controle governamental da população, através da aplicação das vacinas e gestão da pandemia. Os discursos que circulam nos grupos analisados acusam as instituições epistêmicas e elites políticas e financeiras de possuir relações simbióticas, sendo o jornalismo supostamente parte desse conluio. Entremeados a essas alegações, aparecem ainda apontamentos religiosos para oposição às vacinas.
Liberdade e privacidade	As medidas tomadas para o enfrentamento da pandemia são questionadas sob a argumentação de que limitam a liberdade e a privacidade das pessoas. Em particular, há a crítica ao passaporte vacinal, que seria um instrumento de controle autoritário e invasivo. Há também a defesa da capacidade dos pais elegerem o melhor para seus filhos. Para reforçar essa defesa da liberdade do indivíduo em relação ao coletivo, contam anedotas sobre trabalhadores "heroicos" que recusam a vacinação e autoridades "corajosas" que falam contra as vacinas.

Fonte: Elaborada pelos autores.

⁸ Os sete dias de maior pico foram: 14 de setembro de 2021, 15 de setembro de 2021, 14 de outubro de 2021, 22 de dezembro de 2021, 04 de janeiro de 2022, 08 de janeiro de 2022 e 22 de janeiro de 2022. Vale observar que em apenas um desses dias identificados as conversas foram motivadas por acontecimentos nacionais externos ao grupo: 04 de janeiro de 2022, data em que o Ministério da Saúde promoveu uma audiência pública para discutir a vacinação contra a covid-19 de crianças com idade de 5 a 11 anos. Importa observar também que os grupos mantiveram uma constante no que se refere à quantidade de mensagens trocadas no período analisado, de dezembro de 2020 a fevereiro de 2022.

Além da argumentação presente nos grupos, um outro aspecto de destaque diz respeito à dialogicidade entre os membros. Enquanto o “Antivacinas 18 - CHAT” e o “Vacinas: o Maior Crime da Historia” apresentam trocas interacionais, com usuários compartilhando suas experiências e opiniões sobre os temas em debate, os grupos “🐷 NÃO SOMOS COBAIAS 🐷” e “Cobaias do PLANdemônio (efeitos das vacinas)” funcionam mais como repositório de disseminação de conteúdos de contestação às vacinas (simulando, muitas vezes, o estilo jornalístico) do que como espaço de conversa entre os membros. Assim, embora haja a circulação de mensagens padronizadas nos quatro grupos – o que denota uma ação articulada, que aparenta ser fruto da formação de um ecossistema de crítica às vacinas no Telegram – os dois primeiros supracitados apresentam trocas orgânicas e parecem funcionar não só como comunidades de crítica às vacinas, mas também como espaço de sociabilidade e ajuda mútua.

Sejam orgânicas ou padronizadas, as mensagens analisadas giram em torno dos argumentos expostos no Quadro 1. Porém, importa ressaltar que, não raro, essas mensagens apresentam mais de um argumento. Dessa forma, os eixos nos quais elas foram sistematizadas não possuem fronteiras rígidas pois, antes, se encontram em diversos pontos, conforme se poderá observar a seguir. Sendo assim, os textos analisados foram categorizados conforme as características que mais se sobressaem em cada um deles, com o fim de alcançar uma organização sistemática da análise e do manuscrito.

4.1 Segurança e eficácia

A maioria dos debatedores alega não desconfiar das vacinas em geral, mas apenas daquelas desenvolvidas para o combate à pandemia, como se pode observar nas mensagens a seguir: “somos antivacinas experimentais”⁹ e “As vacinas tradicionais sempre demoraram de 4 a 10 anos mais ou menos para serem desenvolvidas, essas aí [...] foram feitas em 6 meses [...]”. As vacinas contra o novo coronavírus motivaram, assim, a formação dos grupos e são elas o alvo principal das desconfianças evidenciadas na análise¹⁰. Entre alguns membros, porém, a descrença nas vacinas contra a Covid-19 parece ter motivado a desconfiança em outros imunizantes, como exemplifica a seguinte mensagem: “Dei todas as vacinas para minha filha e

⁹ A grafia de todas as mensagens, utilizadas como exemplo para este artigo, foi mantida tal qual publicada nos grupos consultados, incluindo erros gramaticais.

¹⁰ Nesse sentido, é válido mencionar que a primeira mensagem, identificada na coleta, data de 07 de dezembro de 2020, mês de início da vacinação contra Covid-19 no mundo.

sempre tomei, hoje, tenho dúvidas se estava certa ou errada [...]". Em uma das mensagens coletadas no grupo com o maior fluxo de conversas, o administrador explica que sua posição se estende a todos os imunizantes:

Só para ficar claro [...], aqui o cara que criou o canal e esse grupo, é contra a obrigatoriedade de todas as vacinas já criadas no mundo, a história que nos foi contada está errada, o sistema criminoso pegou partes dos gráficos antigos que mostrava já a diminuição de tais doenças, já vinham diminuindo por outros motivos, pegaram esses gráficos e a partir do ponto mais baixo, introduziram as vacinas e a partir daí ficaram com os créditos para as 'vacinas', e omitem a parte do gráfico anterior, e então o sistema enche a boca para dizer que 'erradicaram' as doenças.

As próprias descrições dos grupos, que constam na Tabela 1, indicam que os administradores apresentam posição contrária às vacinas no geral. No entanto, o foco de crítica dos membros, em todos os grupos observados, são as vacinas contra a Covid-19. Um argumento recorrente nas mensagens analisadas é a de que tais imunizantes teriam sido desenvolvidos em um período curto demais, o que teria suprimido a realização de testes necessários para a segurança da população. Essa ideia se estende não a um imunizante específico, mas a todos aqueles produzidos para o combate ao novo coronavírus: *"Nenhuma presta todas que estão 'são experimentais'"*, afirma um dos membros dos grupos analisados. É fato que, até serem disponibilizados para o público, os imunizantes em geral costumam demandar anos de teste, vide a candidata à vacina contra a dengue, que segue em fase de estudos mesmo após alcançar percentual de eficácia médio de 70% (RIVERA *et al.*, 2022), como parte dos processos usuais envolvidos nos testes de novos imunizantes. Diante da urgência imposta pela alta taxa de letalidade da Covid-19, porém, houve aporte de recursos para a pesquisa, tanto governamentais como de parte de farmacêuticas, para o desenvolvimento de vacinas contra o novo coronavírus, bem como celeridade na aprovação emergencial dos imunizantes (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022).

Em estudo quantitativo sobre os principais fatores associados à hesitação quanto aos imunizantes contra Covid-19 no Brasil, Moore *et al.* (2021) também identificaram que as preocupações com a eficácia das vacinas e o medo de reações adversas estava entre os tópicos mais sensíveis para os grupos observados. No contexto internacional, esse tipo de justificativa já vinha sendo apresentada pelo ativismo de crítica às vacinas, em sites da *web*, uma década antes da pandemia (KATA, 2010). Não obstante, ela ganha agora novos contornos ao adicionar elementos relacionados ao cenário pandêmico contemporâneo, como a questão da celeridade na disponibilização das vacinas e o surgimento de novas variantes do

SARS-CoV-2. Para alguns membros dos grupos estudados: *“As ‘variantes’ são os efeitos colaterais das substâncias experimentais, que estão chamando erroneamente de ‘vacinas’”*.

Para membros desses grupos, a existência de casos confirmados e mortes entre pessoas vacinadas seria evidência de que as vacinas contra o novo coronavírus não funcionam. Nesse processo, desconsideram fatores como: necessidade de adesão ao esquema vacinal completo, cobertura vacinal, faixa etária dos enfermos, comorbidades etc, bem como o próprio fato de que nenhuma das vacinas no mercado contra a Covid-19 (e outras doenças) têm 100% de eficácia. A diminuição nos números oficiais de mortes causadas pelo vírus, fato que demonstra o cumprimento do propósito das vacinas (de prevenir casos mais graves que resultam em hospitalização e morte), também é ignorada. Assim, circulam, nos grupos observados, links de notícias de famosos vacinados que contraíram a Covid-19 e especulações sobre um suposto aumento de casos e mortes após as campanhas de vacinação. Na retórica de contestação às vacinas, os casos estariam aumentando apesar dos imunizantes e por causa deles.

Para reforço desse argumento, proliferam historietas de pessoas que teriam sofrido supostos efeitos colaterais das vacinas, como exemplifica a seguinte mensagem: *“Minha mãe tomou a 1 de quase deu trombose na perna dela. [...] Eu fiz o teste da moeda nela pra comprova e vdd msm [sic] a moeda para no local. Pq eu gosto de ler [...] tbm pesquiso sobre o assunto”*. Em resposta a um suposto caso de pessoa que teria sofrido efeitos colaterais após a vacina, alguém comenta: *“Eu já sabia que não iria ficar so [sic] na amputação que ela teria inúmeros problemas por conta do experimento letal...eu estudo naturopatia estudo de verdade pesquiso e sei o que digo [...]”*. Como se pode observar, nessas historietas, a confiança no método, na *expertise* e nos conhecimentos advindos da ciência são deixados de lado em prol do que Van Zoonen (2012) chama de *eu-pistemologia*. A ideia por trás desse argumento é que toda a realidade em torno das vacinas e suas possíveis reações adversas pode ser acessada pela experiência pessoal e imediata: *“eu fiz o teste”*, *“sei o que digo”*. Se destaca aí ainda a crença na medicina alternativa, a naturopatia, como parte de regimes epistêmicos paralelos que fundamentam e justificam o argumento de oposição às vacinas.

Além do recurso aos testemunhos pessoais e autoridade autoatribuída (KLEINA; SAMPAIO, 2021), observa-se também o apoio no argumento da autoridade científica para a defesa de medicamentos não cientificamente comprovados para o tratamento da Covid-19, como exemplifica a seguinte mensagem: *“A Ivermectina profilaxia e precoce ‘salvou vidas’ com comprovação, e agora?! ABORDAGEM PRECOCE SALVA VIDAS!! Dados científicos.👉”*. Como

vem sendo observado por outros autores (MASSUCHIN *et al.*, 2021), se por um lado as instituições epistêmicas são alvo de ataques desses grupos, por outro, a legitimidade delas é reivindicada quando convém aos grupos anticiência, como se pode observar no encerramento da mensagem acima, que alega apresentar supostos “*Dados científicos*” em defesa da ivermectina, que, na verdade, foi amplamente contraindicada pela comunidade científica para o tratamento da Covid-19. Nesta outra mensagem “*ivermectina é a melhor vacina*”, é possível observar como a desconfiança nas vacinas caminha ao lado da crença nesses medicamentos, que são alvo de politização na pandemia.

Para além de uma crença no tratamento da Covid-19 por meio de fármacos não cientificamente comprovados para tal fim, aparece também em nosso *corpus* a ideia de que a medicina natural, como o herbalismo e a naturopatia, e medicamentos sintéticos poderiam ser usados para “*limpar as toxinas da picada*”, nas palavras dos participantes observados. Assim, alguns membros utilizam os grupos como espaço de ajuda mútua. Enquanto uns, que alegam terem sido obrigados a se vacinar ou conhecerem pessoas que se vacinaram, pedem sugestões de como se livrar do que seriam substâncias perigosas das vacinas, outros oferecem indicações testemunhais nesse sentido, como na seguinte mensagem: “*Meu lábio saiu algumas bolhas na lateral, E tbm tive herpes zoster nas costas, Tomei ivermectina e passou*”. Portanto, o argumento inicial de insegurança das vacinas contra Covid-19 se desdobra em uma série de recomendações e anedotas sobre formas de controle dos supostos efeitos produzidos por elas.

4.2 Interesses obscuros

A crença de que haveria interesse de lucro financeiro e controle governamental, por parte das elites e do Estado, na aplicação das vacinas e gestão da pandemia, é um dos principais argumentos apresentados pelos grupos estudados. Tal linha argumentativa envolve desde autoridades locais, como prefeitos e governadores, até políticos estrangeiros e líderes de grandes corporações internacionais. A crítica aos “inimigos” internos, gestores de estados e municípios brasileiros, reverbera posicionamentos adotados pelo presidente na pandemia, o que já vinha sendo observado por Nascimento *et al.* (2021) como um exercício de poder oracular bolsonarista. Assim, um dos membros afirma: “*prefeitos e governadores inflaram os numeros [sic] da covid pra atrair dinheiro publico [sic] com contratos sem licitação*”.

Já a crítica a lideranças internacionais se dirige a políticos e grandes empresários: “*Não tem teoria nenhuma, a nova ordem mundial já é citada abertamente pelos governantes da Austrália, e o Bill Gates que não é cientista, financia toda essa caralhada de ‘vacinas’ para se dar tudo certo, reduzir a população, palavras dele*”. Assim, para os membros dos grupos analisados, o desenvolvimento das vacinas contra Covid-19 seria resultado de um conluio, envolvendo elites financeiras e políticas, em busca de lucro e controle da população mundial. Essa ideia de estabelecimento de uma “nova ordem mundial” também aparece em outros estudos sobre discursos de oposição às vacinas no Brasil (BROTAS *et al.*, 2021; DA COSTA *et al.*, 2020). Tais especulações se somam a um quadro geral de conspirações sobre a origem da pandemia, como se pode observar na mensagem a seguir: “*PIFZER [sic] É DONA DO LABORATÓRIO CHINES QUE CRIOU A COVID....*”. Esse argumento demonstra ainda a sinofobia presente nesses discursos, que reverberam o comportamento de lideranças políticas brasileiras em relação à China na pandemia de Covid-19 (GALHARDI *et al.*, 2022).

Nessa espiral de desconfianças, quanto aos supostos interesses envolvidos na gestão da pandemia e no desenvolvimento das vacinas, representantes de instituições epistêmicas, como a medicina e a ciência, entram em pauta, numa lógica dualista que procura separar aqueles que seriam honestos daqueles que seriam motivados por razões financeiras:

[...] para os cidadãos que confiam na ‘ciência’ da Globo, de jornalistas, apresentadores de TV e políticos corruptos que recebem grana alta dos laboratórios da Big Pharma e ignora médicos cientistas honestos e ganhadores de prêmio nobel.... Só lamento [...].

[...] o PLANDEMÔNIO continua com as OVELHINHAS usando FOCINHEIRAS, [...] acreditando no TERRORISMO-NARRATIVA das mídias corruptas COMPRADAS e financiadas, MÉDICOS E CIENTISTAS COM CONFLITOS DE INTERESSES [...].

Essa última mensagem demonstra a vinculação desses grupos a teorias de conspiração globais, como a noção de *plandemic*, disseminada em vídeo desinformativo que circula nesses espaços de contestação às vacinas (HUGHES *et al.*, 2021). O texto em questão prossegue com a utilização de argumentos religiosos em defesa da imunidade natural: “*SOMOS [...], ‘FEITOS A IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS’, COM A MELHOR IMUNIDADE DESSE UNIVERSO DADA PELO NOSSO PRÓPRIO CRIADOR*”. Essa concepção do cuidado de si e obtenção da cura por meio da fé corrobora o estudo de Brotas *et al.* (2021), que observaram a mobilização de aspectos religiosos na composição da moldura dos discursos de oposição às vacinas no YouTube. Nessas mensagens, aparece ainda a alegação de que haveria uma relação

simbiótica entre instituições epistêmicas e elites políticas e financeiras, sendo o jornalismo científico parte fundamental desse conluio - o que reforça os apontamentos de Oliveira (2020), que identifica uma dupla perda de credibilidade jornalística com a crise epistêmica.

Aparecem ainda nesse eixo, teorias conspiratórias já observadas em outros estudos sobre o ativismo de oposição às vacinas (CAYCHO-RODRÍGUEZ *et al.*, 2022; WILSON; WIYSONGE, 2020), como na seguinte mensagem: *“A insistência pela injeção não é para imunizar, mas sim para implantar algo nos corpos...para internet dos corpos funcionar. Por isso a picada em massa. Somos cobaias. ELES não são picados e mentem e muito!”*. Além da lógica do pertencimento identitário do tipo antagonístico “*nós x eles*” (CESARINO, 2021), destaca-se nessas mensagens o léxico próprio, mobilizado pelos membros dos grupos analisados, para discorrer sobre a pandemia e as vacinas contra Covid-19: “*plandemônio*”, “*focinheiras*”, “*picada*”, “*cobaias*”, “*vachina*”, “*veneno*”, “*fraudemia*” etc¹¹.

4.3 Liberdade e privacidade

Os argumentos sobre segurança, eficácia e interesses obscuros envolvendo os imunizantes alimentam e são alimentados também por uma defesa da liberdade e privacidade daqueles que contestam a vacinação. Na lógica das críticas às vacinas contra Covid-19, se os imunizantes fossem seguros e eficazes, não precisariam ser obrigatórios. Assim, esses argumentos ignoram o consenso científico de que o controle da circulação do vírus e suas mutações passa pela adesão em massa das vacinas. Já o passaporte vacinal, chamado por alguns de “*Passaporte NAZISANITÁRIO*”, nessa linha argumentativa, seria a materialização dos supostos planos de controle mencionados no item 2 (interesses obscuros), como se pode observar na mensagem a seguir:

[...] Não é lobby anti-vacina. Não sou anti-vacina [...]. O lobby, aqui, é PRÓ LIBERDADE! [...] Se EXISTE RISCO (declarado pelo fabricante), se A VACINA NÃO PROTEGE DO CONTÁGIO OU EVITA A TRANSMISSÃO [...] QUAL O SENTIDO DE UMA VACINAÇÃO COMPULSÓRIA? Pior ainda: QUAL O SENTIDO DE UM PASSAPORTE SANITÁRIO? É preciso ser muito inocente (e estar muito apavorado) para acreditar que tudo isso é sobre saúde [...].

¹¹ Essa prática de troca de termos por códigos próprios é lida por alguns autores como uma estratégia voldemorting (NAGEL, 2018; NASCIMENTO; CESARINO; FONSECA, 2022). O termo está relacionado ao universo ficcional de Harry Potter, em que os personagens evitam pronunciar o nome do vilão, Voldermort, para não serem encontrados por ele e para que coisas ruins não aconteçam. Em nosso caso, observamos que se trata de um mecanismo usado tanto para evitar o rastreamento das críticas à imunização contra Covid-19 quanto para fortalecer os laços identitários dos grupos, a partir de um quadro comum de referências a respeito da pandemia e das vacinas.

Observa-se aí que a contestação às vacinas contra Covid-19 adquiriu contornos legais e políticos, numa apropriação de ideias liberais de defesa de direitos individuais e liberdades civis. Nesta linha argumentativa, as liberdades individuais se sobrepõem ao coletivo. Em estudo realizado no Telegram na Itália, Spitale, Biller-Andorno e Germani (2022) observaram que o argumento de crítica ao passaporte sanitário tornou-se uma muleta para grupos de contestação às vacinas, já que a crítica a este, junto à defesa da liberdade, possui um melhor potencial de aceitação social do que argumentos abertamente antivacina. No contexto brasileiro, Costa e Silva (2022) também observaram que o ceticismo em relação às vacinas contra Covid-19 estava acompanhado de argumentos sobre direitos e liberdades. Ao lado dessa defesa de liberdades individuais, as autoras observaram a desconfiança da população em relação ao Estado. A mensagem a seguir, compartilhada repetidas vezes em três dos quatro grupos observados, ilustra como essas ideias aparecem em conjunto na teia argumentativa de contestação às vacinas: *“O Ministro da Saúde de Israel foi flagrado dizendo [...] que ‘não há justificativa médica ou epidemiológica para o ‘passaporte sanitário’ [...] e que o mesmo foi criado apenas para pressionar os não vacinados a se vacinarem’”*.

Essa desconfiança e indignação perante o Estado aparece com intensidade na discussão sobre a vacinação de crianças com idade de cinco a 11 anos contra o SARS-CoV-2. O argumento aqui é que os pais deveriam ter liberdade para decidir sobre os corpos dos filhos. O desconforto quanto à posição de subordinação perante o Estado (COSTA; SILVA, 2022) se estende ainda às instituições privadas. Em uma das trocas evidenciadas nos grupos, alguém reclama da impossibilidade de fazer estágio em função da exigência de vacinação. Ao que é respondido com indignação: *“você poderia ter omitido. Sei que não é fácil. Mas penso que ninguém é obrigado a dizer se está vacinado ou não (algo muito pessoal) chega ser constrangedor [sic]”*. Dessa forma, o argumento da liberdade sobre o próprio corpo e sobre os corpos dos filhos e da privacidade, no que tange ao controle da exposição do que seriam informações pessoais, é um dos mais presentes no *corpus* analisado.

Assim, são diversas as mensagens de insatisfação com relação a organizações públicas e privadas, que exigem comprovante de vacinação dos trabalhadores, e as historietas de profissionais que recusam a vacinação, como a mensagem seguinte: *“ Médico não vacinado do sistema de saúde da Inglaterra desafia o secretário de saúde [...].”* Tais narrativas mobilizam sentimentos de indignação e admiração nos grupos estudados. De modo que os relatos de descrédito, perda de empregos e críticas que esses profissionais teriam recebido pela recusa

às vacinas funciona como combustível para que o grupo se atenha ainda mais aos argumentos de defesa da liberdade.

5 Considerações finais

Neste artigo, buscamos aprofundar as análises sobre a circulação do tema “vacina” no Telegram no Brasil. Embora existam diversos estudos sobre a atuação online de grupos antivacina na Europa e América do Norte, as comunidades de contestação às vacinas, localizadas fora desses contextos, têm sido pouco estudadas (SATO, 2018). Este artigo busca contribuir para sanar essa lacuna nos estudos da área e para ampliar o conhecimento sobre as lógicas e estratégias comunicacionais desses grupos, no intuito de oferecer achados para a contenção dos danos que eles podem causar à saúde pública.

A partir da análise das mensagens coletadas, identificamos três linhas argumentativas na contestação aos imunizantes contra Covid-19: (1) receios quanto à segurança e eficácia, (2) alegações de que existem interesses obscuros na gestão da pandemia e no desenvolvimento das vacinas e (3) defesa da liberdade e privacidade. Observamos que os quatro grupos demonstraram homogeneidade nas posições quanto a essas questões, havendo apenas dois momentos de dissenso a respeito da eficácia das vacinas (movidos pela entrada de sujeitos pró-vacina em um dos grupos), um momento de discordância quanto ao apoio ao presidente Jair Bolsonaro (que, em geral, era aprovado pelos membros dos grupos) e um momento de discussão sobre a existência ou não de vírus em geral. Além disso, destaca-se também a criação de um léxico próprio, utilizado pelos usuários tanto para fugir da visibilidade imposta pelos mecanismos de busca quanto para fortalecer os vínculos identitários do grupo, através de um quadro de códigos e referências comuns. Tais achados apontam para a necessidade de estudos futuros que possam dar conta de observar, em profundidade, os processos interacionais evidenciados nesses grupos de contestação às vacinas.

Importa ressaltar ainda que as conversas nos grupos analisados eram constituídas por uma quantidade significativa de imagens, vídeos, áudios, arquivos em PDF e links. Dado o foco nos argumentos que apareciam nas mensagens de texto coletadas, esses arquivos sonoros, imagéticos e audiovisuais acabaram ficando fora da análise, mas o estudo deste material está no norte de nossas investigações futuras.

Por fim, vale mencionar que o fato de as pessoas apresentarem dúvidas sobre os processos de desenvolvimento das vacinas contra Covid-19 não necessariamente é sinônimo

de rejeição vacinal: de fato, os imunizantes contra o novo coronavírus foram desenvolvidos em passos acelerados por conta da emergência sanitária. Por isso, para aumentar a cobertura vacinal, é importante – além de dar acesso a vacinas e neutralizar as informações falsas e distorcidas – também manter um diálogo em que os setores diferentes da sociedade possam expressar e sanar suas dúvidas e preocupações.

Financiamento

Este artigo foi realizado no escopo do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Conta com apoio do edital CNPq – Programa de Excelência em Pesquisa – Casa de Oswaldo Cruz (PROEP-COC), Programa Pesquisa para o SUS (PPSUS) e Auxílio à Promoção de Eventos Científicos, Tecnológicos e de Inovação (ARC). Maia, Oliveira e Massarani agradecem ao CNPq respectivamente pela bolsa DTI-A, Produtividade em Pesquisa 2 e Pq 1B. Oliveira e Massarani agradecem à Faperj pelo Jovem Cientista do Nosso Estado e Cientista do Nosso Estado.

Referências

BARIFOUSE, Rafael. Sob pressão, Twitter diz remover 7 posts de desinformação de covid por hora; 'É pouco', dizem especialistas. **BBC News Brasil**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/I2T>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BARROS, André. Estudo mostra que o Telegram está presente em 60% dos celulares brasileiros. **Olhar Digital**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/IzM>. Acesso em: 16 jun. 2022.

BROTAS, Antonio Marcos Pereira *et al.* Discurso antivacina no YouTube: a mediação de influenciadores. **Reciis - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Manguinhos, v. 15, n. 1, p. 72-91, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i1.2281>. Acesso em: 16 fev. 2023.

CARVALHO, Vanessa Brasil de; MASSARANI, Luisa; MACEDO-ROUET, Mônica. El movimiento antivacunas en Brasil y Francia: un análisis de los comentarios en las páginas de Facebook.

Razón y Palabra, Quito, v. 25, n. 110, p. 497-512, 2021. Disponible:
<https://doi.org/10.26807/rp.v25i110.1750>. Acceso en: 16 fev. 2023.

CASTREJON, María Mercedes *et al.* The impact of COVID-19 and catch-up strategies on routine childhood vaccine coverage trends in Latin America: A systematic literature review and database analysis. **Human Vaccines & Immunotherapeutics**, Philadelphia, v. 18, n. 6, p. 1-9, 2022. Available in: <https://doi.org/10.1080/21645515.2022.2102353>. Accessed on: 16 feb. 2023.

CAYCHO-RODRÍGUEZ, Tomás *et al.* What is the support for conspiracy beliefs about covid-19 vaccines in latin america? A prospective exploratory study in 13 countries. **Frontiers in Psychology**, Lausanne, v. 13, 2022. Available in:
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.855713>. Accessed on: 16 feb. 2023.

CESARINO, Letícia. Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021. Disponível em:
<https://doi.org/10.5007/2175-8034.2021.e75630>. Acesso em: 23 fev. 2023.

COSTA, Bianca da *et al.* O movimento antivacina no YouTube nos tempos de pós-verdade: Educação em saúde ou desinformação? **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 14, n. 1, p. 220-239, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rmc.v14i1.38210>. Acesso em: 01 mar. 2023.

COSTA, Tainá; SILVA, Eunice Almeida. Narrativas antivacinas e a crise de confiança em algumas instituições. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Manguinhos, v. 16, n. 2, p. 281-297, 2022. Disponível em:
<https://doi.org/10.29397/reciis.v16i2.3229>. Acesso em: 28 fev. 2023.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

G1. Vacinação contra a Covid: 102,6 milhões de pessoas tomaram a dose de reforço. **G1**, São Paulo, 2022. Disponível em:
<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/vacinas/noticia/2022/09/02/vacinacao-contra-a-covid-1026-milhoes-de-pessoas-tomaram-a-dose-de-reforco.ghtml>. Acesso em: 5 set. 2022.

GALHARDI, Cláudia Pereira *et al.* Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Manguinhos, v. 27, n. 5, p. 1849-1858, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-8123202275.24092021>. Acesso em: 16 fev. 2023.

GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. **The discovery of grounded theory**: Strategies for qualitative research. New York: Routledge, 2017.

HUGHES, Brian *et al.* Development of a codebook of online anti-vaccination rhetoric to manage COVID-19 vaccine misinformation. **International journal of environmental research and public health**, Basel, v. 18, n. 14, p. 1-18, 2021. Available in:
<https://doi.org/10.3390/ijerph18147556>. Accessed on: 16 feb. 2023.

KATA, Anna. A postmodern Pandora's box: anti-vaccination misinformation on the Internet. **Vaccine**, Oxon, v. 28, n. 7, p. 1709-1716, 2010. Available in: <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2009.12.022>. Accessed on: 16 feb. 2023.

KATA, Anna. Anti-vaccine activists, Web 2.0, and the postmodern paradigm: An overview of tactics and tropes used online by the anti-vaccination movement. **Vaccine**, Oxon, v. 30, n. 25, p. 3778-3789, 2012. Available in: <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2011.11.112>. Accessed on: 16 feb. 2023.

KLEINA, Nilton Cesar Monastier; SAMPAIO, Rafael Cardoso. "Não sou eu quem está falando": A retórica de autoridade em vlogs da Direita brasileira no YouTube sobre a vacina contra a COVID-19. **Revista ECO-Pós**, Urca, v. 24, n. 2, p. 175-200, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27707>. Acesso em: 23 fev. 2023.

MASSARANI, Luisa *et al.* Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da COVID-19. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 1-23, 2021a. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i1.5689>. Acesso em: 23 fev. 2023.

MASSARANI, Luisa *et al.* Narrativas sobre vacinação em tempos de fake news: uma análise de conteúdo em redes sociais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 30, n. 2, 2021b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200317>. Acesso em: 23 fev. 2023.

MASSUCHIN, Michele *et al.* A estrutura argumentativa do descrédito na ciência: uma análise de mensagens de grupos bolsonaristas de Whatsapp na pandemia da COVID-19. **Fronteiras: Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 160-174, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2021.232.11>. Acesso em: 23 fev. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. DATASUS: imunizações - cobertura. **Tabnet**, Brasília, 2021. Disponível em: http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/dhdat.exe?bd_pni/cpnibr.def. Acesso em: 5 set. 2022.

MOORE, Daniella Campelo Batalha Cox *et al.* Low COVID-19 vaccine hesitancy in Brazil. **Vaccine**, Oxon, v. 39, n. 42, p. 6262-6268, 2021. Available in: <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2021.09.013>. Accessed: 23 feb. 2023.

NADIR, Patrícia. Facebook remove mais de 1 milhão de conteúdos com desinformação sobre covid. **Poder360**, Brasília, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://shre.ink/I26>. Acesso em: 10 jun. 2022.

NAGEL, Emily Van Der. 'Networks That Work Too Well': intervening in algorithmic connections. **Media International Australia**, London, v. 168, n. 1, p. 81-92, 2018. Available in: <https://doi.org/10.1177/1329878X18783002>. Accessed on: 16 feb. 2023.

NASCIMENTO, Leonardo Fernandes; CESARINO, Leticia Maria Costa da Nóbrega; FONSECA, Paulo (coord.). **Democracia digital**: análise dos ecossistemas de desinformação no Telegram durante o processo eleitoral brasileiro de 2022. São Paulo: InternetLab, 2022.V. 1.

NASCIMENTO, Leonardo Fernandes *et al.* Poder oracular e ecossistemas digitais de comunicação: a produção de zonas de ignorância durante a pandemia de Covid-19 no Brasil.

Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 190-206, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2021.232.13>. Acesso em: 28 fev. 2023.

OUR WORLD IN DATA. Coronavirus (COVID-19) Vaccinations. **Ourworldindata**, Oxford, 2020. Disponível em: <https://ourworldindata.org/covid-vaccinations>. Acesso em: 5 set. 2022.

OLIVEIRA, Thaiane. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Fronteiras: Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 22, n. 1, p. 21-35, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.03>. Acesso em: 23 fev. 2023.

OLIVEIRA, Thaiane; MARTINS, Rodrigo; TOTH, Janderson. Antivacina, fosfoetanolamina e Mineral Miracle Solution (MMS): mapeamento de fake sciences ligadas à saúde no Facebook. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 90-111, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i1.1988>. Acesso em: 23 fev. 2023.

PAPAKYRIAKOPOULOS, Orestis; SERRANO, Juan Carlos; HEGELICH, Simon. The spread of COVID-19 conspiracy theories on social media and the effect of content moderation. **Misinformation Review**, Cambridge, v. 1, p. 2-19, 2020. Available in: <https://www.doi.org/10.37016/mr-2020-034>. Accessed on 28 feb. 2023.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a Desinformação sobre COVID-19 no Twitter. **Contracampo**, Niterói, v. 40, n. 1, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v40i1.45611>. Acesso em: 23 fev. 2023.

RIVERA, Luis *et al.* Three-year Efficacy and Safety of Takeda's Dengue Vaccine Candidate (TAK-003). **Clinical Infectious Diseases**, Cary, v. 75, n. 1, p. 107-117, 2022. Available in: <https://doi.org/10.1093/cid/ciab864>. Accessed on: 24 feb. 2023.

ROCHA, Marcelo. Telegram mantém representante no Brasil há 7 anos enquanto ignora STF e TSE. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/02/telegram-mantem-representante-no-brasil-ha-7-anos-enquanto-ignora-stf-e-tse.shtml>. Acesso em: 05 set. 2022.

ROGERS, Richard. Deplatforming: Following extreme Internet celebrities to Telegram and alternative social media. **European Journal of Communication**, London, v. 35, n. 3, p. 213-229, 2020. Available in: <https://doi.org/10.1177/026732312092206>. Accessed on: 24 feb. 2023.

SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves dos. Clones do YouTube: replataformização da irreabilidade e infraestruturas de desinformação sobre a Covid-19. **Fronteiras - estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 140-159, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2021.232.10>. Acesso em: 23 fev. 2023.

SATO, Ana Paula Sayuri. Qual a importância da hesitação vacinal na queda das coberturas vacinais no Brasil? **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 52, n. 96, p. 1-9, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2018052001199>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SPITALE, Giovanni; BILLER-ANDORNO, Nikola; GERMANI, Federico. Concerns Around Opposition to the Green Pass in Italy: Social Listening Analysis by Using a Mixed Methods Approach. **Journal of Medical Internet Research**, Toronto, v. 24, n. 2, 2022. Available in: <https://doi.org/10.2196/34385>. Accessed on: 23 feb. 2023.

SILVA JUNIOR, Jarbas Barbosa da. 40 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma conquista da saúde pública brasileira. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, DF, v. 22, n. 1, p. 7-8, 2013.

TELEGRAM. Sua conta. **Telegram**, Dubai, 2013c. Disponível em: <https://telegram.org/faq>. Acesso em: 13 jun. 2022.

TELEGRAM. Chat export tool, better notifications and more. **Telegram**, Dubai, 2018. Available in: <https://telegram.org/blog/export-and-more>. Accessed on: 24 feb. 2023.

URMAN, Aleksandra; KATZ, Stefan. What they do in the shadows: examining the far-right networks on Telegram. **Information, Communication & Society**, Oxfordshire, v. 25, n. 7, p. 904-923, 2020. Available in: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2020.1803946>. Accessed on: 24 feb. 2023.

URMAN, Aleksandra; HO, Justin Chun-ting; KATZ, Stefan. Analyzing protest mobilization on telegram: The case of 2019 anti-extradition bill movement in Hong Kong. **Plos One**, San Francisco, v. 16, n. 10, p. 1-21, 2021. Available in: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0256675>. Accessed on: 24 feb. 2023.

VAN ZOONEN, Liesbet. I-pistemology: changing truth claims in popular and political culture. **European Journal of Communication**, London, v. 27, n. 1, p. 56-67, 2012. Available in: <https://doi.org/10.1177/0267323112438808>. Accessed on: 24 feb. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard. **Covid19.who**, Geneva, 2019c. Available in: <https://covid19.who.int/>. Accessed on: 29 aug. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Managing epidemics**: key facts about major deadly diseases. Geneva: World Health Organization, 2018. Available in: <https://www.who.int/emergencies/diseases/managing-epidemics-interactive.pdf>. Accessed on: 13 jun. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Coronavirus disease (COVID-19): Vaccines safety. **Who**, Geneva, 2022. Available in: [https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/coronavirus-disease-\(covid-19\)-vaccines-safety](https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/coronavirus-disease-(covid-19)-vaccines-safety). Accessed on: 13 sep. 2022.

WESTIN, Ricardo. Vacinação infantil despenca no país e epidemias graves ameaçam voltar. **Agência Senado**, Brasília, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/05/vacinacao-infantil-despenca-no-pais-e-epidemias-graves-ameacam-voltar>. Acesso em: 12 jul. 2022.

WILSON, Steven Lloyd; WIYSONGE, Charles. Social media and vaccine hesitancy. **BMJ global health**, London, v. 5, n. 10, p. 1-7, 2020. Available in: <https://doi.org/10.1136/bmjgh-2020-004206>. Accessed on: 23 feb. 2023.

The contestation of Covid-19 vaccines on Telegram groups in Brazil

Abstract

This paper analyzes the characteristics of the contestation discourse against Covid-19 vaccines on Telegram Brazil. We identified four groups, from descriptors associated with the vaccine theme, that addressed the vaccine issue from December 2020 to February 2022. Using the Grounded Theory method, we performed a qualitative analysis of the main arguments, to contest vaccines, presented in those groups. The results reveal three lines of argument used to question Covid-19 vaccines: (1) fears about safety and efficacy, (2) claims of obscure interests in the management of the pandemic and the development of vaccines and (3) defense of freedom and privacy. the comprehension of those arguments aims to contribute to the development of strategies to contain the damage caused by misinformation regarding individual and collective health.

Keywords

Telegram; vaccines; Covid-19

Autoria para correspondência

Lídia Raquel Herculano Maia
lidiarhmaia@outlook.com

Como citar

MAIA, Lídia Raquel Herculano *et al.* A contestação às vacinas contra Covid-19 em grupos do Telegram no Brasil. **Intexto**, Porto Alegre, n. 55, e-127361, 2023. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.127361>

Recebido: 23/09/2023

Aceito: 06/02/2023



Copyright (c) 2023 Lídia Raquel Herculano Maia, Thaiane Oliveira, Luisa Massarani, Marcelo Alves dos Santos Júnior. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.